

Entre rios e algoritmos: governança das *Big Techs*, plataformação e resistências no jornalismo digital em Manaus¹

Nathane Dovale ²

Com o avanço das telecomunicações e das tecnologias digitais, a informação consolidou-se como um ativo econômico estratégico, moldando novas dinâmicas de poder e circulação. Nessa perspectiva, a ascensão do Vale do Silício e de suas *Big Techs* instaurou um novo regime de produção e distribuição de conteúdo, no qual empresas de tecnologia, com suas plataformas, assumiram papéis antes exercidos pelas instituições jornalísticas, redefinindo assim o sistema midiático contemporâneo.

No Brasil, essa reestruturação tem características particulares em razão das assimetrias de infraestrutura, conectividade e acesso às tecnologias, que evidenciam as distâncias entre os centros e as periferias informacionais. Essa heterogeneidade impõe desafios estruturais, sobretudo em regiões como a Amazônia, onde limitações técnicas, vastas dimensões territoriais e tensões geopolíticas alteram o sistema de comunicação local.

Este artigo analisa como a plataformação promovida pelas *Big Techs* interage com o jornalismo digital de Manaus, investigando as formas de governança tecnológica exercidas por essas corporações sobre o território informacional amazônico. A metrópole manauara, marcada por desafios de conectividade e por sua posição estratégica em um território atravessado por disputas ligadas à proteção ambiental e à soberania regional, configura um caso emblemático das tensões entre o controle corporativo das infraestruturas digitais e a autonomia jornalística local.

A análise parte do contexto histórico e ideológico que permitiu a expansão das *Big Techs*, fundamentando-se na crítica à Ideologia Californiana. O referencial teórico abrange ainda as discussões sobre plataformação do jornalismo, governança algorítmica, desigualdades regionais de conectividade e resistências desenvolvidas por veículos locais diante da dependência tecnológica. Articulam-se, assim, os conceitos de território informacional,

¹ Trabalho apresentado no Painel Temático Cidades e territórios: governança, militarização das tecnologias e resistências do XVIII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Faculdade Cásper Líbero - FCL, realizado nos dias 11 a 13 de novembro de 2025.

² Mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: nathanedovale@gmail.com.

governança digital e soberania comunicacional, compreendendo que as plataformas, ao controlar fluxos e algoritmos, produzem novas formas de militarização simbólica do espaço informacional, uma forma de vigilância e centralização do poder comunicacional sobre territórios periféricos.

Com uma metodologia qualitativa de tipologia híbrida, esta pesquisa integra aspectos históricos, empíricos e análises político-sociais. Para investigar o impacto das *Big Techs* no jornalismo digital de Manaus, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com representantes dos veículos amazonenses Amazônia Real, Revista Cenarium, Vocativo e o jornalista Mário Adolfo. Os questionamentos buscaram compreender como os veículos negociam sua presença nas plataformas, quais estratégias de adaptação e resistência desenvolvem, e como percebem o impacto das plataformas em sua autonomia editorial e sustentabilidade financeira.

O método de análise de conteúdo seguiu Bardin (2011), com codificação centrada em marcadores como 'modelo de negócio', 'uso de redes sociais', 'ferramentas de trabalho' e 'estratégias'.

A pesquisa justifica-se pela escassez de estudos sobre o jornalismo digital na região Norte, em especial em Manaus, contexto ainda pouco explorado nas investigações sobre plataformização e atuação das *Big Techs* sob a ótica da governança corporativa de infraestruturas digitais em contextos urbanos periféricos estratégicos. A literatura existente privilegia análises centradas nos grandes eixos urbanos, o que evidencia a ausência de olhares sobre as dinâmicas informacionais em territórios amazônicos.

A Ideologia Californiana

O Vale do Silício consolidou-se como centro de uma cultura empresarial que associa tecnologia à ideia de progresso e emancipação individual. Essa visão foi fortemente moldada pela Ideologia Californiana³, cujos princípios exaltam a liberdade individual e a crença na capacidade das tecnologias de solucionar problemas sociais (Barbrook; Cameron, 1995, p. 11–15). Tal perspectiva está alinhada ao paradigma neoliberal, legitima a supremacia do mercado

³ Richard Barbrook e Andy Cameron, membros do Hypermedia Research Center, da Universidade de Westminster, em Londres, escreveram o ensaio *The Californian Ideology*, que criticava a crença na capacidade transformadora da tecnologia produzida no Vale do Silício.

e a desregulamentação estatal em nome da inovação.

A utopia de uma internet democrática e colaborativa, que sonhava com o acesso livre ao conhecimento e participativo, resultou em um tensionamento das dinâmicas de concentração de poder nas mãos das empresas de tecnologia. O resultado foi a consolidação de um modelo de governança informacional centralizado, no qual o discurso de liberdade digital envolve práticas de vigilância e controle algorítmico.

No campo do jornalismo, esse processo se materializa na crescente dependência das plataformas digitais, que passaram a controlar a distribuição, o alcance e a monetização dos formatos noticiosos. Essa relação impulsiona tanto modelos de inovação acelerada quanto processos de precarização do trabalho jornalístico. Com o crescente poder das *Big Techs*, o jornalismo local, que exerce um papel fundamental na preservação da diversidade informativa e na promoção da qualidade de vida das comunidades, adquire novos desafios e intensifica os antigos.

Um exemplo é a intensificação da desinformação e ampliação das desigualdades comunicacionais. A pesquisa Combate à desinformação sobre a Amazônia Legal e seus defensores (Intervozes, 2023) aponta que o enfraquecimento das redações tradicionais e a precarização do trabalho abriram espaço para iniciativas individuais, muitas vezes capturadas por narrativas ideológicas. A investigação identificou 70 perfis de redes sociais e páginas ou sites como difusores de desinformação de organizações de direita, figuras públicas políticas e veículos jornalísticos. Enfrentar a desinformação, portanto, implica discutir o controle das infraestruturas digitais e afirmar o direito coletivo à comunicação como base da pluralidade e da democracia.

Plataformização do jornalismo

Ao integrarem o sistema produtivo do jornalismo, as plataformas digitais passaram a estruturar não apenas a criação e circulação de notícias, mas também as dinâmicas de trabalho e poder no setor. Como resultado, o jornalismo é continuamente pressionado a se adequar aos formatos, métricas e lógicas de visibilidade impostos pelas *Big Techs*, condição quase obrigatória para que seus conteúdos alcancem o público. A necessidade de adaptação revela a dependência das inovações das empresas de tecnologia. Essa realidade afeta não apenas o consumo das

plataformas, mas também os hábitos geracionais, impondo desafios para a manutenção da relevância e da credibilidade jornalística (Nielsen, 2023, p.5).

As tecnologias informacionais, ao monitorar, coordenar e comandar fluxos econômicos e comunicacionais (Santos, 1994, p.25), tornaram-se instrumentos de organização e controle do espaço. Essa nova lógica territorial, baseada no domínio da informação (Santos, 2000, p.60), manifesta-se na atuação das *Big Techs*, que, ao controlar infraestruturas digitais e fluxos de dados, reconfiguram o território informacional e deslocam o poder das instituições jornalísticas para as plataformas.

No contexto amazônico, tais dinâmicas assumem contornos específicos. A distribuição desigual de infraestrutura técnica e informacional faz com que a região viva um acesso assimétrico às redes. De acordo com a pesquisa TIC Domicílios 2024, a conectividade entre indivíduos das áreas urbanas e rurais é significativamente menor nas regiões Nordeste e Norte (11% e 12% respectivamente). Os dados evidenciam a escassez de conexão em regiões remotas e pouco povoadas, cuja baixa atratividade econômica limita o interesse de provedores de Internet (TIC Domicílios, 2024, p.58). Nesse cenário, a empresa norte-americana de conexão via satélite Starlink ocupa o vácuo deixado pela ausência de políticas públicas, oferecendo cobertura a mais de 90% da Amazônia Legal. Essa expansão evidencia como os Estados Unidos reinventam formas de colonialismo no Sul Global por meio da dominação tecnológica, exercendo controle não apenas sobre o software e o hardware, mas também sobre a própria conectividade de rede, o núcleo da arquitetura digital contemporânea (Kwet, 2019, p. 1).

A instabilidade de conexão impacta diretamente a circulação de informação e a prática jornalística na região. Compreender o jornalismo digital nesse recorte exige observar como os agentes locais negociam sua presença em um ecossistema midiático dominado por plataformas globais, cujas lógicas técnicas e econômicas reproduzem desigualdades estruturais entre o Norte e os grandes centros do país.

Discussão dos resultados

Os resultados da pesquisa demonstram que o jornalismo digital em Manaus enfrenta desafios que, embora comuns ao cenário nacional, ganham outros significados devido às

desigualdades regionais. A análise das entrevistas com os jornalistas revelou que sustentabilidade financeira e independência editorial constituem tensões centrais, intensificadas pela dependência tecnológica em relação às plataformas digitais e pela concentração de fontes de receita. A subordinação às lógicas algorítmicas das *Big Techs* impõe às redações locais critérios de visibilidade e engajamento externos ao contexto amazônico, reforçando sua vulnerabilidade tanto econômica quanto simbólica.

Apesar dessas condicionantes, os depoimentos revelam estratégias de resistência e adaptação: valorização de pautas regionais, experimentação de formatos e busca por proximidade com o público local emergem como táticas para preservar relevância e credibilidade. Essas práticas configuram uma tensão entre dependência estrutural e autonomia editorial, a visibilidade depende de sistemas globais, mas o compromisso com o interesse público ancora a produção jornalística.

Conclui-se que a resistência do jornalismo amazônico se manifesta não por oposição direta às plataformas, mas por meio da reinvenção cotidiana de suas práticas, em um processo que evidencia o potencial político da informação produzida desde territórios periféricos. Os achados reforçam a necessidade de políticas públicas que fortaleçam a comunicação regional e garantam condições estruturais para um jornalismo independente na Amazônia.

Palavras-chave

Jornalismo digital em Manaus; *Big Techs*; plataforma do jornalismo; governança e soberania informacional; Ideologia Californiana.

Referências

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARBROOK, Richard; CAMERON, Andy. A Ideologia Californiana. Trad. Marcelo Träsel. Cachoeira do Sul, RS: Monstro dos Mares, 2018.

INTERVOZES. Combate à desinformação sobre a Amazônia Legal. São Paulo: Intervozes, 2023. Disponível em: <https://intervozes.org.br/publicacoes/relatorio-combate-a-desinformacao-e-ao-discurso-de-odio-na-amazonia-legal/>. Acesso em: 15 out. 2025.

KWET, Michael. Digital colonialism: us empire and the new imperialism in the global south. *Race & Class*, v. 60, n. 4, 2019. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3232297 . Acesso em: 10 out. 2025.

NIELSEN, Rasmus Kleis. Prefácio. In: INSTITUTO REUTERS. Digital News Report 2023. Londres: Instituto Reuters, 2023. p. 5. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023>. Acesso em: 12 out. 2025.

SANTOS, Milton. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.